

DITA PRA MIM?: INTERVENÇÃO URBANA NO TECNÓVÍO E A POÉTICA DO CUIDADO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Diego Elias Baffi (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR)¹
Marcella Pacheco Perbiche (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR)²

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada de maneira on-line, por consequência da pandemia causada pelo coronavírus, que acometeu o mundo no fim de 2019 e segue alarmante até o momento da escrita deste artigo. À vista disso, foram investigadas possibilidades de realizações tecnoviviais de intervenção urbana em arte de Estética Relacional, com ações denominadas Performanciãs, tendo enfoque em discussões sobre a velhice. Partindo do cruzamento dos conceitos estudados com as práticas realizadas, este estudo tem a intenção de fomentar discussões, quebrar silêncios e enfatizar o cuidado como prática que cria fissuras na solidão presente na velhice.

PALAVRAS-CHAVE

Intervenção Urbana; Velhice; Tecnóvío.

ABSTRACT

This present research was completely on-line developed in consequence of the pandemic caused by CoronaVirus that compromised the whole world at the end of 2019 and is still very alarming till the moment of this article writing. For this reason, possibilities of online-living urban interventions were investigated by actions denominated “*Performanciãs*”, focusing on discussions about old age. Starting from the crossing of the concepts studied by performed actions, this study intends to foment discussions, to break silences and to emphasize the care as a practical that creates fissures at the old-age loneliness.

¹Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (2004), Mestre em Artes pela mesma universidade (2009) e Doutor pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2019). Professor efetivo da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Curitiba campus II (FAP). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: intervenções urbanas em arte, palhaçaria e corporeidade cênica. E-mail: diego_baffi@yahoo.com.br

²Graduanda do último período em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus de Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP); Orientanda do Professor Doutor Diego Elias Baffi, bolsista pelo Programa de Iniciação Científica da mesma universidade; Atriz, cenógrafa e aderecista – SATED/PR 33230. E-mail: mpperbiche@gmail.com

KEYWORDS

Urban interventions ; old age; online-living.

O presente artigo corresponde a divulgação dos resultados da pesquisa de iniciação científica da Universidade Estadual do Paraná, realizada no campus de Curitiba II. Esta pesquisa foi imaginada, cuidada, realizada e escrita partindo da minha experiência enquanto artista cênica, futura docente, mulher, filha, neta e jovem-futura- idosa que se encontra vivendo uma pandemia global³.

Apresento a realização de intervenção urbana, voltada para a velhice (BEAUVOIR, 1990), propondo ações de Performanciã (ASHT, 2015) em meio ao tecnovívio (DUBATTI, 2020). Essas ações foram pensadas através da Estética Relacional (BOURRIAUD, 2009) e realizadas com cartas tendo, assim, caráter de poética do cuidado (OLIVEIRA, 2020). Me debruçarei sobre esses conceitos e autores ao longo do texto.

Esta pesquisa se iniciou no período da pandemia causada pelo coronavírus que, no momento da escrita deste artigo, já infectou cerca de 19 milhões de brasileiros, sendo fatal para mais de 540 mil. A população já está sendo vacinada, mas a passos lentos. Apesar da pandemia ser causada por vírus invisível aos olhos, ela escancarou nossas mazelas sociais, “o que ela nos permite ver e o modo como foi interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos. Estas aparições [...] são reais e vieram para ficar” (SANTOS, 2020, p.10). Sabe-se que vivemos um momento de grande sensibilidade emocional, mesmo procurando modos de estar junto aos que amamos, a solidão ainda é acentuada em meio aos encontros on-line. Assim, início esse texto conceitualizando o tecnovívio, segundo Jorge Dubatti, para falar sobre o presente e sobre como foi possível realizar as ações dessa pesquisa; após, apresento intervenção urbana em arte como Estética Relacional dentro dos conceitos de Bourriaud, entrelaçando esses temas com a velhice. No item seguinte, abordo a Performanciã de Marcelo Asht, estudo que norteia artisticamente as ações realizadas e contadas neste artigo. Por fim, chego ao conceito da poética de cuidado, visto que esta pesquisa afirma:

³Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). (Disponível em <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 28 de jul. de 2021, às 14h30min).

é preciso cuidar!

1- Resgate histórico

Neste item, me debruço rapidamente sobre o resgate histórico da trajetória desta pesquisa – ela nasceu no palco e considero a beleza de contar essa história. Em 2019, me tornei cocriadora de uma coletiva teatral nomeada Loucas Coletivas⁴. Durante 4 meses mulheres que lutaram contra a Ditadura Militar do Brasil e da Argentina. Além de ser uma criação documental, também pesquisamos teatro de formas animadas – orientadas por Fábio Nunes Medeiros⁵. Disso, nasceu a peça O QUE ELES NÃO QUEREM É CORAGEM⁶, apresentada no mesmo ano. Nessa peça, havia a presença de quatro bonecas híbridas⁷ que representavam as *Abuelas de Plaza de Mayo*⁸. A boneca que eu manipulo, homenageia Marta Vásquez⁹, mulher que luta por justiça pela sua única filha, sequestrada e torturada durante a Ditadura Militar da Argentina.

Dessa experiência, surgiu o interesse por esta pesquisa. No início de 2020, senti grande necessidade de dar continuidade ao trabalho com a boneca. Com o intuito de realizar esse trabalho na rua, encontrei meu atual orientador, Diego Baffi, e seu projeto Arte e espaço público: uma discussão no meio da rua; que me apresentou a proposta de dialogar com mulheres idosas – que foram jovens durante a Ditadura Militar – através da minha boneca híbrida. Os rumos desta pesquisa foram alterados por conta da pandemia, visto que não seria possível estar em espaços públicos. Em julho de 2020, meu avô foi acometido pelo coronavírus e não resistiu. Tomada pela dor do luto,

⁴Coletiva teatral feminista criada na Universidade Estadual do Paraná, composta por quatro artistas e licenciandas em Teatro pela mesma universidade.

⁵Fabio Henrique Nunes Medeiros é diretor de teatro, pesquisador em dramaturgia visual e animação; Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo - USP, com pesquisa interdisciplinar em teatro e cinema, sendo parte da pesquisa desenvolvida na Alemanha (Berlim, Potsdam e Tübingen), na França (Paris e Charleville-Mézières) e na República Tcheca (Praga).

⁶Sinopse: Uma população que sabe reconhecer os traumas sociais do passado pode curar seu futuro e proteger sua própria liberdade. Não conhecer sua história é uma cegueira coletiva que assassina a si e aos outros. Não se repete o erro, se aprende com ele para mudar. Viver em sociedade é saber quem morreu e lutou para que você possa estar aqui hoje. E você sabe quem são essas pessoas? (Loucas Coletivas, 2019 - apresentação no Teatro Laboratório da Universidade Estadual do Paraná)

⁷ Nesse espetáculo, a boneca de teatro de animação é feita em tamanho humano, a atriz manipuladora empresta um de seus braços e suas pernas para que a boneca possa se movimentar.

⁸El 24 de marzo de 1976 las Fuerzas Armadas se adueñaron del poder en la Argentina por medio de un golpe de estado. El régimen militar [...] desapareció a 30.000 personas de todas las edades y condiciones sociales[...] Nada ni nadie detuvo a las Abuelas de Plaza de Mayo para buscar a sus hijos e los hijos de sus hijos. (Disponível em < <https://www.abuelas.org.ar/> Acesso em: 20 de jul de 2021, às 21h42min)

⁹María Marta Ocampo de Vásquez, conhecida como Marta Vázquez, foi presidenta da organização das Madres de Plaza de Mayo até 2017, ano de sua morte. Por muitos anos procurou sua filha e neta, desaparecidas durante a Ditadura Militar da Argentina.

comecei a buscar refúgio poético nesse trabalho. Por consequência, o projeto sofreu sua principal mudança: a intenção inicial era falar do passado, mas o presente me chamou.

Assim, seguimos para os resultados do que é e está sendo esta pesquisa, que não tem como objetivo encontrar *respostas, mas busca caminhos para melhorar perguntas*.¹⁰

2. Tecnovívio

Embora fosse muito presente, a tecnologia ainda não se estabelecia como o *modus operandi* do encontro entre pessoas. Isso mudou com a chegada da pandemia causada pelo coronavírus. Dentro de nossas casas, em isolamento, o lado social do ser humano começou a buscar refúgio nas telas: chamadas de vídeo ocuparam (e seguem ocupando) grande parte do nosso dia – no início, não sabíamos nem ao menos nomear o momento que estávamos vivendo. Por exemplo, algumas pessoas puderam realizar seus trabalhos em *home office*. Com o impedimento do convívio, por protocolo de segurança, nos deparamos com o tecnovívio. Essa definição, pensada dentro do contexto que vivemos, foi dada por Jorge Dubatti¹¹, no decorrer de 2020

Chamamos de convívio à experiência que ocorre no encontro de duas ou mais pessoas com um corpo presente, na presença física, na mesma territorialidade, na proximidade na escala humana; tecnovívio é a experiência humana à distância, sem presença física na mesma territorialidade, que permite a subtração da presença do corpo vivo, e a substitui pela presença telemática ou pela presença virtual por meio da intermediação tecnológica, sem proximidade dos corpos, em escala ampliada por meio de instrumentos (DUBATTI, 2020 apud ORTECHO, 2020, p.14).

Muitos artistas encontraram no tecnovívio uma oportunidade para continuar fazendo arte. “Não apenas o palco esvaziou-se, como calaram-se os tantos e essenciais momentos de encontros, para dar lugar a uma espera angustiante para todos nós [...]” (MAMULENGO, 2020, p.20). Apesar da angústia, era preciso testar as possibilidades.

Em meio a esses debates, também estava eu: ingressei em um grupo de estudos

¹⁰ “Bons trabalhos não dão respostas, eles melhoram perguntas” - Parte da fala de Santiago Cao em palestra para o evento Urbanidade. (Disponível em: <https://youtu.be/VL3Vdf_1ZYc> Acesso em: 20 jul. 2021, às 22h20.)

¹¹ Jorge Dubatti (Buenos Aires, 1963), Prof. Dr. Universidade de Buenos Aires, onde atua em História e Teoria Teatral, bem como na Universidade Nacional de Rosário e Universidade Nacional de San Martín, Argentina.

interdisciplinar que pesquisa intervenção urbana em arte, a quandonde¹². O grupo realiza encontros semanais com leituras e discussões e é guiado pelo orientador desta pesquisa, Diego Baffi. Além de realizarmos leituras e discussões que perpassam os temas propostos nesta pesquisa - arte, Estética Relacional, espaço público e performance, entre outros – também pensamos em ações de intervenção urbana durante esse período pandêmico.

Restava-me a pergunta: é possível realizar ações de intervenção urbana dentro de nossas casas? Para discorrer sobre essa pergunta, que talvez não tenha resposta definitiva, precisamos apresentar o que entendemos por intervenção urbana.

3. Intervenção Urbana em arte de estética relacional

Para discorrermos sobre o conceito de intervenção urbana como aplicada nesta pesquisa, precisamos defini-lo: esta pesquisa compreende intervenção urbana em arte como uma maneira de ser e estar na urbe e de fazer arte sem caráter de espetacularidade¹³, uma arte que

[...] atravessa o cidadão pelo que é vivo, dialoga a partir do que o uniu com o interventor, que se aventura e cria novos acontecimentos, dando-lhe a possibilidade de tornar-se criador coletivo de uma obra da arte-vida, arte-cotidiano. (BORTOLOZZO, MERLO, PERBICHE, 2020, p.05)

Dessa maneira, este trabalho estuda a intervenção urbana em arte de caráter relacional. Mas, o que é arte relacional e como essa estética pode estar presente em ações artísticas realizadas em espaços públicos? Segundo Bourriaud, a arte relacional é

Uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado [...] a forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o “encontro” [...] (BOURRIAUD, 2009, p.07)

¹² “A quandonde intervenções urbanas em arte” (escrito em letra minúscula, substantivo comum, ordinário) é uma plataforma de ações em intervenção urbana surgida em Curitiba, Brasil, em março de 2012. O uso de plataforma como prenome dá-se pelo entendimento de que a quandonde se constitui enquanto território de tensões e afetos que seus membros criam entre si e a cidade [...]” (Disponível em: <<https://www.quandonde.com.br/a-plataforma>>. Acesso em: 20 jul. 2021, às 22h35min)

¹³ Espetáculo, segundo Debord, é um pseudo mundo à parte da realidade, “objeto de pura contemplação [...] onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo.” (DEBORD, 2003, p. 14).

Este “encontro” no âmbito da Estética Relacional, é “atividade de troca que não pode ser regulada por nenhuma moeda [...] uma troca cuja forma é determinada pela forma do próprio objeto” (*idem* p. 20).

Diante dos modos operativos do sistema capitalista, que monetiza atividades de troca e coloca a vida em estado permanente de pressa, saída e chegada, a intervenção urbana de Estética Relacional propõe encontro e a pausa, “provoca uma fissura no fluxo da cidade, que, muitas vezes, está anestesiada pela repetição mecânica cotidiana e é inflamada pela intervenção urbana” (BORTOLOZZO, MERLO, PERBICHE, 2020, p.02). Provoca, também, fissuras nos modos artísticos estabelecidos pelas classes dominantes, que colocam o público como observador passivo. De outro modo, em ações de intervenções urbanas em arte, o público é cocriador: a obra necessita de sua relação com ela e de diálogo.

Pode-se inferir intervenção urbana como uma arte-não-arte, arte cotidiano, que pode abranger diversas formas e se dá na cidade, com/através de seus passantes. É urbana pois, segundo Baffi citando *passim* Michel de Certeau (1998):

A cidade [...] será escrita e reescrita por seus passantes em processo permanente de coafetação, de forma que se tornam ao mesmo tempo autores e escrita em rede desta cidade, escrevem a cidade ao mesmo tempo que se inscrevem nela. (BAFFI, 2012, p.05)

À vista disso, observa-se a importância da cidade e do espaço público para realizar intervenções urbanas: os encontros criadores de trocas e afetos, do qual as obras se referem, se dão na cidade pelos artistas proponentes e pelos passantes. Afinal, o que seria “espaço público”? Particularmente, o termo sempre me remeteu à rua, à praça, a um espaço “de todas”. Porém, no decorrer desta pesquisa, pude entender, assim como Delgado (2011), que há uma crença

do espaço público como fator de integração absoluto, inexorável, esquecendo que muitas vezes ele é produzido por agentes imobiliários que avançam contra as mesmas garantias que pretensamente procuram criar (DELGADO, 2011 *apud* ROSANELI, 2019, p.05)

A busca de uma possível definição de espaço público – visto suas diversas definições – me levou a uma perspectiva poética. Quando entrei em contato com a obra Espaço e Lugar (TUAN, 1983), encontrei quais condições fariam com que um espaço se transformasse em lugar: “um espaço se transforma em lugar a partir do momento que adquire definição e significado” (*idem* p.157). Ou seja, se um espaço público pode

gerar um “encontro fortuito duradouro” (BOURRIAUD, 2009, p.10) – característica da Estética Relacional – e “encontros em sua capacidade de produzir acontecimentos” (BAFFI, 2013, p.06) geram significado para quem afetou-se nessa ação, fazendo um espaço público poder se tornar um lugar. Quando deixamos de habitar o espaço público e passamos ao “processo de constituição deste espaço” (BAFFI, 2012, p.02) criamos significados nele.

Seria possível criar significado em espaços públicos durante a pandemia sem podermos ocupá-los? A internet pode se tornar um espaço público? Fontes (2013), traz o conceito de *cyber* cidade que pode ser pensado para elucidar essas dúvidas

A *cyber* cidade refere-se ao *cyber* espaço e representa um novo lugar de caráter eletrônico que cria comunidades de interesses comuns através de entornos virtuais interconectados. Seus espaços públicos são a rede aberta, e os privados, os locais com chave de acesso. (FONTES, 2013, p.115)

Assim, é possível acolher a *cyber* cidade como um espaço público, ainda que emergencial para o momento de isolamento social em que estamos inseridos. Compreendo, portanto, ser possível realizar intervenções urbanas em arte dentro da *cyber* cidade. Deste modo, o espaço público se insere dentro de nossas casas – visto, também, que para Tuan (1983), nossa casa pode ser um lugar.

Não obstante, há um grupo de pessoas que há tempos busca pelo seu direito ao espaço público na cidade e na *cyber* cidade. Este trabalho enfatiza a luta deste grupo de pessoas, as pessoas idosas, e propõe ações de intervenção urbana tecnovívial para ele.

4. Avelhice

Neste item, falo de velhice partindo dos estudos de Beauvoir (1990) e reflito, a partir de dados, sobre a importância de nós, jovens, nos interessarmos sobre essa fase natural da vida humana, acolhendo a ideia que envelhecemos desde que nascemos e que “a velhice se constrói no agora” (ASHT, 2015, p.09).

Segundo Art. 1º do Estatuto do Idoso, presente na Constituição Federal (1988), são consideradas idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. (CONSTITUIÇÃO, 1988). A Organização Mundial da Saúde aponta que essa idade muda de acordo com o nível de desenvolvimento de cada país, sendo considerado 65 (sessenta e cinco) anos em países mais desenvolvidos (SCHNEIDER, IRIGARAY,

2008, p.05). À vista disso, a idade torna-se uma opção para definir o marco inicial dessa fase da vida, que surge de maneira silenciosa e quase despercebida pois é “mal definido o momento em que começa [...]” (BEAUVOIR, 1990, p.7).

Contudo, não é só a idade cronológica que determina o envelhecimento. A partir dos estudos de Schneider e Irigaray (p.09, 2008), podemos pensar sobre a velhice a partir da idade cronológica (determinada pela idade em anos vividos, contados desde o nascimento), a idade biológica (vinda das modificações corporais e mentais que ocorrem com o desenvolvimento e se dá desde antes do nascimento), a idade social (que parte do hábito e status social determinado pelo o que a sociedade espera das pessoas idosas e se dá pelas suas performances individuais) e, por fim, a idade psicológica (que se apresenta a partir de possíveis doenças psicológicas como depressão, causada muitas vezes pela solidão) (SCHNEIDER, IRIGARAY, 2008). Segundo a série Envelhecer, o Brasil antecipou o envelhecimento das pessoas com mais de 60 anos de acordo com as condições de vida que apresenta para a população(ENVELHECER, 2019).

Poucas pessoas idosas têm acesso a qualidade de vida, visto que muitas vivem em situação de miséria, problema social que atingiu números alarmantes no ano de 2020: de acordo com pesquisas da Fiocruz (2021),

50,5% dos idosos trabalhavam antes da pandemia [...] durante o período analisado, foi registrada queda na renda em 47,1% dos domicílios, sendo que 23,6% relataram forte redução e até mesmo ausência de renda. O estudo revelou que a sensação de tristeza ou depressão recorrente foi maior em domicílios com menor renda (32,3%) e na população feminina (35,1%), em comparação com a masculina(CAMPOS, 2021).

Outrossim, as violências do Estado contra pessoas idosas durante a pandemia foram escancaradas em programas televisivos. O presidente do país, em várias de suas declarações, não media palavras de desvalorização à vida dessas pessoas. Frequentemente se posicionando contrário ao isolamento social, chegou a afirmar que apenas pessoas idosas deveriam manter o isolamento, como também, disse ser responsabilidade de cada família cuidar das pessoas idosas que convivem. Segundo ele, “Não pode deixar na conta do estado. Cada família tem que botar o vovô e a vovó lá no canto e é isso.” (FERNANDES, 2020)Contrário ao posicionamento do Presidente da República, o Art 3º - Capítulo II do Estatuto do Idoso, presente na Constituição Federal (1988) prevê:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao

Quando o Presidente da República e todo o Estado se negam a cumprir seus deveres e, ainda mais, incentivam preconceitos, a situação se agrava: “a faixa etária de 60 a 79 anos ainda é a que tem o maior número de óbitos pelo coronavírus, com 9.679 vítimas em março, o que equivale a mais da metade das mortes registradas naquele mês” (MORENO, FIGUEIREDO, 2021). .

Diante da perversidade contra às pessoas idosas, se torna óbvio que pouco se fala sobre a importância de lutar pelos seus direitos. Mesmo que evidenciado durante a pandemia, esse preconceito é estrutural e existe há muito tempo. Beauvoir (1990) diz que isso ocorre porque “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 1990, p.06). A velhice é correlacionada, erroneamente, com o fim da vida, com algo próximo a morte, “sustentada pelo preconceito de uma sociedade que quer viver muito, mas não quer envelhecer.” (SCHEINEIDER, IRIGARY, 2008, p.08).

São muitas as deduções da raiz desse preconceito: a princípio, surge da lógica capitalista que fortalece a sociedade do lucro, pautada na necessidade de sermos vigorosamente produtivos. Essa produtividade é medida através do trabalho, ou seja, quando paramos de trabalhar somos vistos como improdutivos. Durante toda a vida contribuímos com a nossa força de trabalho e, por direito, nos aposentamos, “mas as democracias burguesas, quando tiram ao indivíduo a possibilidade de trabalhar, condenam a maioria deles à miséria” (BEAUVOIR, 1990, p.253). Pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social precisam seguir trabalhando depois de se aposentar, mas já não existem mais empregos para elas. Por outro lado, pessoas idosas que puderam se aposentar sentem a autocobrança da produtividade.

Ademais, independente da classe social, o status social dos idosos cai na velhice e o número de pessoas que se relacionam se torna cada vez mais baixo.

Sem vínculos com os setores de produção da sociedade, a maioria dos idosos se aposenta, recebe seus proventos mensais e, se não encontra novos rumos para ocupar-se de si mesmo, não vê mais sentido na existência. Nessa fase, além das presenças de amigos e conhecidos do meio trabalhista que vão rareando (por conta do afastamento pela aposentadoria), o idosos tem que confrontar a morte de parceiros mais constantemente – pessoas de seu convívio morrem e apresentam para ele de forma mais concreta a transitoriedade e a impermanência de tudo. Muitos passam a conviver com a família, que pode não lidar com ele com a devida atenção. Muitos idosos são abandonados pelos

familiares ou lidam com rejeições que os ferem de modo profundo. Esse movimento de isolamento, ocasionado por inúmeros fatores culturais contemporâneos, faz com que o idoso se acomode e entre em uma inércia que o retira do contato com o mundo e de uma conexão de cuidado consigo mesmo, oferecendo a ele apenas o silêncio. (ASHT, 2015, p.62)

Durante a pandemia, as pessoas idosas ficaram ainda mais expostas à solidão e aos riscos que ela traz. Como já visto, antes mesmo desse período a solidão já se mostrava presente na velhice

O isolamento, a autodesvalia e a solidão na velhice são muito comuns para colaborar para que os idosos adoeçam, se tornem depressivos e se fechem para novas experiências de vida. Ao chegaram à velhice, muitas pessoas, diante da nova fase de vida, não encontram novas possibilidades para atuar socialmente. É uma fase na qual, em grande parte dos casos, o idoso sente-se afetado e afastado da própria identidade que construiu em sua existência. (ASHT, 2015, p.62)

É sobre a quebra do silêncio que esta pesquisa busca tratar, por acreditar que é preciso falar e denunciar preconceitos para não reforçá-los. Como jovem, acredito na necessidade de pensarmos em práticas que possamos aderir para contribuir com a luta das pessoas idosas e futuras idosas, para que possamos envelhecer bem como país e não apenas como indivíduos¹⁴, visto que é responsabilidade de toda a sociedade assegurar às pessoas idosas seus direitos. Mas, é preciso encarar que há tempos temos falhado, pois, “com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias” (BEAUVOIR, 1990, p.07).

A velhice tem sido uma “realidade incômoda” (BEAUVOIR, 1990, p.02) da qual não se fala, não se pensa, não se discute. Falemos sobre a velhice, porque “não podemos saber quem somos se ignoramos quem seremos” (BEAUVOIR, 1990, p.10). É preciso fazer ruído contra todo e qualquer silenciamento, é preciso quebrar o silêncio.

5. A Performanciã de Asht e as Ações de Maria Pacheco

Ao refletir sobre intervenção urbana e velhice, cheguei às Performanciãs, parte essencial para esta pesquisa. Performanciã é um termo cunhado por Marcelo

¹⁴ Trecho presente em diálogos da série Envelhecer, produzida pelo Sesc TV. (Disponível em <<https://sesctv.org.br/programas-e-series/envelhecer/>> Acesso em: 20 de jul de 2021, às 20h15min).

Asht¹⁵(2015) para definir performance que se volta para a temática do envelhecimento, ou seja, denomina a performance que carrega “a ideia do entrecruzamento da performance com a figura do ancião e seus assuntos em evidência” e, deste modo, “um(a) performer com mais de sessenta anos realizar uma performance não faz simplesmente dessa ação uma performanciã” (ASHT, 2015, p.15), mas, um(a) performer, em qualquer período de sua vida, que realiza performances voltadas para o envelhecimento, pode estar realizando Performanciã.

Apono que, ao me referir às performances do envelhecimento, infiro performance como um termo não plausível de uma única definição, sendo abrangente. Fabião indica performance como “potência de desabituar, des-mecanizar, escovar a contra-pêlo. Trata-se de buscar maneiras de lidar com o estabelecido [...] de criar situações que disseminem dissonâncias diversas” (FABIÃO, 2009, p.03). Sendo assim, esta pesquisa aborda a Intervenção urbana em arte, de Estética Relacional, a partir da ideia das performances do envelhecimento.

No contexto da solidão e partindo da ideia da performanciã de Asht, nasceu a CIA – Conselho das Idosas Anônimas, Performanciã que objetiva quebrar o silêncio da solidão e criar proximidades em tempos de isolamento. Essa prática é pensada como uma via de empoderamento das pessoas idosas: “empoderamento não como algo a ser transmitido ou possibilitado através de um mediador, mas algo que se descobre por si mesmo a partir das trocas e vivências” (ASHT, 2015, p.09). A ação consiste em enviar cartas postais¹⁶ de jovens, que perderam recentemente alguma pessoa idosa que amavam, para pessoas idosas moradoras do Lar Jesus Maria José presente em São José dos Pinhais – PR. Para respeitar o isolamento social e não colocar em risco às pessoas participantes da ação, ela foi pensada como uma Intervenção Urbana tecnovivial, com a presença de teatro de forma animadas audiovisual. Dessa forma, o convite foi feito aos jovens via redes sociais, através de um vídeo de teatro de formas animadas com a boneca híbrida que representa Marta Vásquez, já apresentada nessa pesquisa. Mas, para esse trabalho, foi preciso elaborar a criação de uma personagem para Marta, chamada de

¹⁵ Em sua obra Projeto Performanciãs: Performances do envelhecimento (2015), Asht nos apresenta exemplos de performanciãs realizadas pelo grupo de pessoas idosas do qual ele eramediador, O grupo de Teatro Renascer. Esse grupo parte de um projeto de extensão universitária (UNIRIO) que atende a um público de senhores e senhoras e tem como propósito estimular a integração do idosos, o jogo e a criação teatral, em processos onde as memórias e capacidades dos integrantes são a base para narrativas em cena. (ASHT, 2015, p.15).

¹⁶Há, também, uma ação realizada por Asht, denominada Correios S/A (Senhoras Anônimas), performance que objetivava “ajudar a comunidade de idosos através de memórias, formando uma rede de escrita e resposta de cartas [...]” (ASHT, 2015, p.64).

Maria Pacheco. Foram pensadas características simples como seu nome, sua voz e uma lista de ações cotidianas que ela efetua.

Dentre os resultados alcançados, seis cartas foram escritas por jovens e adultos que haviam perdido recentemente alguém que amavam por conta do coronavírus. As cartas, de grande potência emocional e afetiva, falam sobre saudade, presença e memória, algo tão importante para resgatar e preservar nesse período da vida, visto sua potência no presente

[...] a memória não como pressa, mas como surpresa do encontro, em valorização do passado, no poder das histórias que podem se entrelaçar e estabelecer conexões entre partes [...] a memória não se encontra no tempo passado; ela se manifesta no agora (ASHT, 2015, p. 63)

Por fim, pelas redes sociais, publiquei vídeos¹⁷ da boneca Maria lendo essas cartas respostas, realizando ações cotidianas (regando plantas, mexendo em moedas antigas, fazendo bolo, observando fotos). Esses vídeos, nomeados como vídeo-cartas, foram publicados nas redes sociais da quandonde, enviados aos remetentes e apresentados no Lar às pessoas idosas.

É importante ressaltar que, nas vídeo-cartas, Maria apenas lê as cartas respostas feitas pelas pessoas idosas. A voz com que ela lê é a voz que fica em sua cabeça, aquela que todos temos e usamos para conversar sozinhos em nossos momentos mais íntimos. Essa voz é de uma mulher de vinte e dois anos: voz da lembrança de quem a Maria foi quando jovem, voz que eu empresto para ela poder lembrar de quem foi no passado e ler essas cartas no presente. São pequenos signos que aproximam a boneca a mim e nos fazem ser um só corpo. Apesar de não me denominar bonequeira, Marta – que agora é Maria – nasceu pelas minhas mãos, nós existimos juntas e há grande ligação emocional e afetiva em nossas coexistências.

Podemos aqui expandir a compreensão de encontro [...] Um encontro proporcionado por acontecimentos de natureza artística pode ser uma experiência transformadora, potência já atribuída ao teatro. Pensemos o ato de encontrar como uma experiência química, em que dois elementos se encontram e, neste processo, ocorre uma reação pelo contato, capaz de tornar outros os envolvidos na experiência. Metaforicamente, o corpo de ator seria átomos de hidrogênio e o boneco, um átomo de oxigênio; assim, imaginemos que estes elementos, ator e boneco, sofram tamanha reação ao se encontrarem, capaz de gerar algo novo, que não estava ali antes; ou seja, uma outra

¹⁷ Os vídeos da Performanciã CIA - Conselho das Idosas Anônimas (22 dez. 2020) estão disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=4GrHifpdc&list=PLoAzzgxt21ZiXoELtExByl4HFyKjJ_9f4>

substância, fluida, produzindo um novo corpo enquanto o encontro ocorre. (MAMULENGO, 2020, p.36)

Essa ação foi um estudo piloto realizado no segundo semestre de 2020, sendo a primeira prática de Performanciã desta pesquisa. CIA pode ser entendida como um respiro de poesia em meio a tecnologia, um toque de cuidado em tempos da impessoalidade causada pelo isolamento. Ela traz calor, sentido e presença, mesmo que afete lugares dolorosos como a saudade advinda do luto – da mesma forma que quebra o silêncio causado por ele.

Para um tanto de tecnologia e virtualidade, nossas vidas dependem do mesmo tanto de poesia. Alguma belíssima regra da vida humana parece precisar equilibrar essa balança. Só assim a nossa vida moderna faz sentido. Estamos vivendo momentos angustiantes de desequilíbrio, em que falta, a um dos lados da balança, a poesia dos encontros, a poesia do teatro! (MAMULENGO, 2020, p.21)

Ademais, pensando em criar ações que contemplem cada vez mais o encontro, a CIA se ramificou e dela nasceu a ação “Alô, Maria?”, que consiste em fazer chamadas de vídeos individuais com mulheres idosas e escrever cartas com elas (durante a chamada) para pessoas que amam, através da boneca Maria. Para isso, foi necessário lapidar essa personagem. Pensei nas principais mulheres idosas que me inspiraram para criá-la, desenvolvendo um roteiro que conta quem é a Maria Pacheco. Assim, iniciou-se a ação “Alô, Maria?”: ao longo de 4 meses¹⁸, foram realizadas 5 chamadas que resultaram em 5 cartas. Essas cartas se transformam em vídeo-cartas, enviadas para as remetentes e, quando aprovadas, encaminhadas para as destinatárias através de e-mail ou outras redes sociais. Majoritariamente, as cartas são escritas para pessoas que ainda vivem e para pessoas adultas ou jovens – as idosas escrevem para suas filhas, filhos ou netas. Apenas uma dela escreveu para seus pais, falecidos há mais de duas décadas. Assim como em CIA, as cartas desta ação têm grande potencial afetivo: falam sobre a saudade que sentem, sobre a esperança do encontro, a fé em que logo todos poderão ser vacinados, sobre a solidão e a angústia de ver o tempo passar.

Durante a vídeo chamada, Maria precisa criar jogo teatral com a mulher idosa com quem conversa. Cria-se proximidade pelas pequenas coisas: pelo nome da mulher que lembra algo a Maria, por alguma roupa que veste, alguma história que tenha para contar, entre outras coisas. Maria gosta de fazer elogios e pergunta muitas coisas, é

¹⁸ Maio de 2021 até o momento da escrita desse artigo, julho de 2021.

nesse momento que a carta é escrita: depois de um tempo conversando e apenas ouvindo o que a idosa tem para falar, da forma mais espontânea que um diálogo pode ocorrer e sem tempo para acabar, Maria espera uma brecha de silêncio para perguntar “se você pudesse escrever uma carta, para quem você escreveria?”. A partir da resposta dessa pergunta, outras perguntas são feitas. Tudo isso vai sendo anotado ao longo da chamada e a carta é escrita logo após ela finalizar. Para preservar a identidade das mulheres, as chamadas não são gravadas.

Apesar de não conhecer essas mulheres pessoalmente e o contato por vídeo parecer tão distante, posso inferir essas ações como válidas, visto que “o que nos dá a sensação de tratar-se de uma experiência artisticamente válida é a resposta do público [...] Trata-se, realmente, de uma experiência de cuidado poético” (MAMULENGO, 2020, p.82). Cada vídeo-carta causou uma reação singular de intensa emoção, mas todas as mulheres idosas participantes da ação afetaram-se (no sentido de afetar e no sentido de afeto).

6. Poética do cuidado

Parte da poética do cuidado, desta pesquisa, está em criar proximidades em tempos de isolamento social, resgatar a memória, que é parte do que somos, criar diálogos, presença e fazer barulho em meio ao silêncio da solidão. Potência afetiva, social e transformadora. O cuidado com as fases da vida, com o futuro inerente a nós e com quem já está vivendo, rompe barreiras de opressão e abraça o diálogo transformador, que gera discussão, conhecimento e tem potencialidade de romper preconceitos.

Este trabalho aborda poética como adjetivo, dessa maneira

podemos entender que o adjetivo é uma palavra que se refere a algum substantivo, dando características ou qualidades a ele. Quando nos referimos ao termo poética, enquanto adjetivo, estamos sugerindo que ela qualifica alguma coisa enquanto poética ou poético. [...] De acordo com Guimarães (2014), quando a palavra poético/poética assume o sentido adjetivo, indica uma qualidade. Isto quer dizer que indica a qualidade de conter poesia ou conter o efeito de poesia, de provocar um efeito semelhante ao da apreciação da poesia. Neste sentido geral, poético é aquilo que nos provoca uma sensação de estar lendo um poema. (GUIMARÃES, 2014 apud OLIVEIRA, 2020, p.31)

De maneira subjetiva, os sentimentos e expressões que surgem de um simples diálogo geram cartas e vídeo-cartas: nesses vídeos, há presença de pequenos signos de

rituais cotidianos (como preparar a mesa do lanche da tarde para encontrar alguém que se ama) que são tomados pela tecnologia (o encontro acontece, mas por chamada de vídeo). As vídeo-cartas apresentam “representações de novos mundos e reflexão sobre a infinidade de possibilidades.” (OLIVEIRA, 2020, p.32). A poética como adjetivo tem função de poesia, que remete “ao maravilhamento que pode causar, é este o efeito poético” (OLIVEIRA, 2020, p.37.), e este efeito é perceptível nas reações das pessoas jovens que escreveram as cartas, nas pessoas idosas moradoras do Lar que responderam e nas mulheres idosas que aceitaram fazer vídeo chamadas.

Outrossim, partindo do que foi citado no item 5, em relação a memória se manifestar no presente (ASHT, 2015, p.63), pode-se perceber a suma relevância do tempo para as pessoas idosas. Incentivadas a não olharem para o futuro, criam um fantasma da morte que vive nesse espaço temporal. Elas vivem no passado e em suas lembranças, como se já não pudessem mais criar novas memórias. Pouco vivem no presente, e para isso há a poética do cuidado:

a poesia permite ao homem viver o presente, que é o tempo do instante, da duração das imagens na consciência, o que nos afasta de um tempo corriqueiro, da vida, do senso comum, prosaico, aquele que corre de modo horizontal (BARBOSA, BULCÃO, 2004, apud OLIVEIRA, 2020, p.34).

As ações realizadas nesta pesquisa trabalham o cuidado a partir da troca mútua, “visto que cuidado é a atenção que se dedica a alguém” (OLIVEIRA, 2020, p.58). Assim como as idosas moradoras do Lar dedicam muita atenção para responder as cartas que receberam das pessoas jovens e Maria dedica tempo e atenção para quem ela liga, sendo recíproco da parte de quem atende. É nesse encontro, em que a troca acontece, que a poesia se faz.

À vista disso, pode-se perceber o caráter relacional que a poética do cuidado tem. Ao que diz respeito as cartas, isso pode ser compreendido segundo o que diz Oliveira (2020):

a poesia [...] é uma criação, que produz muitos efeitos. Estes efeitos perpassam a relação de um escritor aflorado que a cria, à espera de algum possível leitor que se aflore com a mesma intensidade. Ou até mesmo um leitor aflorado, que pode se tornar um possível escritor, quando se vê em um estado de poesia, com uma postura ativa diante de um texto. (OLIVEIRA, 2020, p.39)

O trabalho da Maria é cuidar e ser cuidada, visando o cuidado a partir dos parâmetros que cada pessoa tem, entendendo que são singulares a partir das vivências de cada pessoa. Maria, com toda a sua curiosidade, resolveu conhecer os modos de cuidado de cada pessoa que ela contata.

Assim, nos aproximamos dos significados de cuidado que se referem à atenção que se dedica a alguma pessoa, à atividade que requer zelo, um modo dedicado de agir, empenhado e preocupado com a pessoa com quem se relaciona, tal como afirmamos acima, diz respeito a formação de vínculos afetivos. Esta noção é simples, mas exprime o nosso entendimento sobre cuidar de alguém ou de algo. (OLIVEIRA, 2020, p.59)

Por fim, é evidente que as ações realizadas por esta pesquisa são intervenções urbanas em arte de estética relacional, feitas de forma tecnovivial e que manifestam a poética do cuidado em suas práticas.

7. Conclusão

Retomando a introdução deste trabalho, antes de percorrermos o caminho que nos trouxe até aqui, sabíamos que não buscávamos respostas. Ainda há dúvidas sobre as práticas que eu, pessoa jovem, posso buscar para contribuir com a luta das pessoas idosas. Penso que ouvi-las é um começo. Outrossim, há dúvidas sobre o fazer interventor teatral no tecnovívio. Contudo, para um momento emergencial, as ações apresentadas supriram as necessidades do vazio que as antecederam. Talvez não seja o ideal, mas foi o possível: a poética, o encontro e a intervenção são buscas dos possíveis em meio ao isolamento social.

Ao falarmos em cuidado poético, falamos em experiências de libertação de certos modos habituais de sentir e interpretar a si mesmo e ao outro; falamos de experiências de transformação que se dão na esfera da micropolítica [...] Trata-se de renovar a si e aos outros por intermédio de uma nova arte que, por sua natureza relacional, possibilita o surgimento de uma poética do cuidado. (MAMULENGO, 2020, p.82)

Por fim, expresso meu desejo de que os ruídos dessa pesquisa sigam quebrando silêncios e possibilitando diálogos sobre o que precisa ser dialogado, criando fissuras, alcançando pessoas e possibilitando encontros. Parto com novas dúvidas sobre tudo que

aqui foi dito e espero que cada leitor sinta a vontade de buscar respostas. A única afirmação que essa pesquisa faz é: cuidemo-nos!

REFERÊNCIAS CITADAS

ASHT, Marcelo Azevedo. **Projeto Performanciã**: performances do envelhecimento. Rio de Janeiro, 2015.

BAFFI, Diego Elias. **Escrita em arte e intervenção urbana**: pensando a grafia da ação cênica no espaço urbano. Curitiba: ABRACE, 2012.

BAFFI, Diego Elias. **Passivatividade**: exercício da diferença na construção de uma ética cênica. São Paulo: UNICAMP, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice** – a realidade incômoda. São Paulo-Rio de Janeiro: Ed.Nova Fronteira, 1990.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Trad. Denise Bottmann. Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAMPOS, Ana Cristina. Covid-19: pesquisa analisa impacto da pandemia no trabalho e renda da pessoa idosa. **FIOCRUZ**, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-pesquisa-analisa-impacto-da-pandemia-no-trabalho-e-renda-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

CAO, Santiago. **A profanação do Público**. In: Urbanidades, 30, nov. 2020. Disponível em: https://youtu.be/VL3Vdf_1ZYc. Acesso em: 20 jul. 2021.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3a Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad: Railton Souza Guedes. Coletivo Periferia, 2003.

ERTHAL, Claudia; MARKUN, Paulo. Envelhecer. **Sesc TV**, 2019. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/envelhecer/>. Acesso em: 20 de jul de 2021.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro**: poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta, 2009.

FAP, Revista Científica - Campus Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná (FAP), Unespar. v.23, n.2 (jul./dez.2020), Curitiba. ISSN: 1980-5071. Disponível em: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3702/pdf_41. Acesso em: 20 jul. 2021.

FERNANDES, Augusto. 'Famílias que cuidem de seus idosos', diz Bolsonaro sobre

abrir comércios. **Estado de Minas**, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/08/interna_nacional,1137022/familias-que-cuidem-de-seus-idosos-diz-bolsonaro.shtm. Acesso em: 21. jul. 2021.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes**. UFRJ, 2013.

LAS ABUELAS, Historia. **Abuela de plaza de mayo**, 2013. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

MAMULENGO: Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB / Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Centro UNIMA Brasil - CUB. v. 01, n. 17 (2020), Florianópolis. ISSN: 2675-3383. Disponível em: <https://abtbcentrounimabrasil.wordpress.com/revista-mamulengo/edicoes-antiores/mamulengo-v-01-n-17-2020/>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MORENO, Ana Carolina; FIGUEIREDO, Patrícia. Idosos foram 66% das vítimas da Covid-19 em SP nos meses de março e abril. **G1 São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/22/proporcao-de-idosos-entre-as-vitimas-de-covid-19-em-sp-cai-de-80percent-para-66percent-em-seis-meses.ghtml>. Acesso em: 22 de jul de 2021.

Oliveira, Marina de Carvalho. **Pela emoção, pela imaginação**: Nise da Silveira e A Poética do Cuidado. São João del-Rei, 2020.

ORTECHO, José Manoel. Em busca do corpo perdido: o ensino das artes diante do paradoxo pandêmico. **Rebento**, São Paulo, n. 13, p. 76-112, jul -dez 2020.

ROSANELI, Alessandro Filla. **Olhares pelo espaço público**. Curitiba: Setor de Tecnologia UFPR, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Almedina, 2020.

SCHNEIDER, Rodolfo Alberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Rio Grande do Sul: PUC, 2008.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.